

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

NARA SOUZA DE OLIVEIRA

**CIBERNATIVOS NA ESCOLA: ANGÚSTIAS, EXPECTATIVAS E
RESPONSABILIDADES DE QUEM ENSINA E APRENDE**

Porto Alegre

2013

Nara Souza de Oliveira

**CIBERNATIVOS NA ESCOLA: ANGÚSTIAS, EXPECTATIVAS E
RESPONSABILIDADES DE QUEM ENSINA E APRENDE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador

Prof. Dr. Evandro Alves

Porto Alegre

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa:

Liane Margarida Rockenbach Tarouco

DEDICATÓRIA

A todos que acreditaram e me
incentivaram a continuar:
“LONGE É UM LUGAR QUE NÃO EXISTE”.

RICHARD BACH

AGRADECIMENTOS

Agradeço todas as intuições, atenções, solicitações, pressões, solidões e orientações que recebi durante estes dois anos e que culminam neste trabalho.

Agradeço a todos, que tiveram paciência, muita paciência:

- *para suportar minha presença ausente;
- *para respeitar os finais de semanailhada entre leituras;
- *pelas infindáveis solicitações de mais e mais orientações;
- *para aturar meus surtos e vontade de desistir;
- *para aguentar meu ímpeto de monopolizar as atenções;

Nomeio-os, agradecendo-os:

Danielli, filha querida que muitas vezes inverteu o papel de maternidade comigo;

Belinha e Iglete, amigas irmãs, seguimos surtadas e sempre juntas;

Marta, Marinês, Lígia, Paulo, amigos valorosos que souberam entender meus “não posso”;

Mara, grande parceira que entendeu minha desistência, em seu evento anual;

Anápio e Cê, e respectivos filhos que me cederam seus amores, espero que me perdoem pelas horas a fio de conversa a três ao telefone (por falar nisso, agradeço meu plano de telefonia);

Lediane e Ana, pelas tutorias exemplares;

Evandro, Édio e Natércia, pelas orientações, sugestões e carinho!

RESUMO

As mudanças sociais que surgiram a partir da explosão tecnológica produziram uma nova preocupação nas escolas: promover a inserção dos seus alunos às Tecnologias da Informação e Comunicação de forma orientada e responsável, levando em consideração a necessidade de capacitar os professores para a mudança e ou adequação de sua práxis. Há necessidade de reflexão sobre a responsabilidade escolar frente a uma sociedade extremamente informatizada e tecnológica, enquanto que a população discente (e docente) tem pouco conhecimento e interação com as tecnologias no contexto educacional. O estudo objetivou traçar um perfil tecnológico dos alunos de quinto ano e dos professores, bem como a percepção destes sobre os recursos midiáticos em relação a sua prática pedagógica. A investigação empírica foi realizada em com alunos e professores de uma escola estadual do ensino fundamental séries iniciais da região metropolitana de Porto Alegre. A metodologia foi caracterizadamente qualitativa. Os instrumentos de coleta de dados foram registros de observação participante e questionários com alunos e realização de grupo focal professores desta escola. Os resultados apontam pouca inserção dos alunos às tecnologias e a dificuldade dos docentes e da escola em proporcionar aos seus alunos situações em que haja interação desses com os mais diversos recursos. Constatou-se a carência de recursos, tanto humanos, como de equipamentos, para atender à demanda de alunos no espaço destinado ao Laboratório de Informática da escola. Observou-se, por outro lado a possibilidade de inserção às tecnologias através de outros recursos, tais como o celular, por exemplo. Os resultados da investigação apontam que, independente das dificuldades encontradas, há opções para que o uso das tecnologias se configure uma realidade viável na prática pedagógica.

Palavras-chave: Mídias na Educação, prática pedagógica, inclusão digital.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LI.....	Laboratório(s) de Informática
NTE.....	Núcleo(s) de Tecnologia Educacional
PBF.....	Programa Bolsa Família
PROINFO.....	Programa Nacional de Tecnologia Educacional
TIC.....	Tecnologia(s) de Informação e Comunicação
UFRGS.....	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico dos respondentes dos questionários..... 37

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Objetivos	12
1.1.1	Objetivo Geral	12
1.1.2	Objetivos Específicos.....	13
1.2	Organização do Trabalho	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	Novos alunos novos.....	16
2.2	Recursos Midiáticos e seus usos pedagógicos.....	18
2.2.1	Laboratório de Informática: espaço de aprendizagem repetitiva ou cooperativa?.....	19
2.2.2	O uso do celular.....	23
2.2.3	Câmera fotográfica digital	25
2.3	Professores motivados, angustiados ou indiferentes?.....	27
2.4	A responsabilidade da escola	30
3	QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA.....	32
3.1	Indagação de pesquisa.....	32
3.2	Metodologia	33
3.2.1	Tipo de pesquisa.....	33
3.2.2	Descrição da realidade pesquisada.....	33
3.2.3	Participantes da pesquisa.....	34
3.2.4	Método de coleta de dados.....	34
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS..	37
4.1	Questionário dos alunos: Dados Gerais	37
4.1.1	Apresentação dos Dados.....	37
4.1.2	Discussão - Questionários	39
4.2	Grupo focal	41
4.2.1	Registro das entrevistas professores do 5º ano.....	41
4.2.2	Análise dos dados do grupo focal dos professores do 5º ano	43
4.2.3	Análise dados do grupo focal dos professores do 1º ao 4º ano.....	44
5	CONCLUSÃO	47
6	REFERÊNCIAS.....	50
	ANEXO	53
	APÊNDICES.....	55

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste de reflexões, amparadas por pesquisa empírica, sobre as relações do fazer pedagógico dos professores frente à nova geração de alunos cercada de tecnologias. Também interessa discutir a responsabilidade da escola em fomentar e subsidiar o uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) por parte de seus docentes, de forma que eles possam melhor integrar as tecnologias em sua prática pedagógica.

Cabe registrar que a evolução desta produção sofreu alteração desde sua intenção original. Buscava-se, nos desenhos iniciais deste trabalho, abordar o fenômeno tecnológico da atualidade, fazendo relação, de um lado, com alunos cada vez mais imersos em recursos midiáticos em oposição a uma escola e, de outro, docentes pouco enfrontados no uso pedagógico de tais recursos na prática curricular. Partindo desta ideia, suscitou o desejo de desenvolver a temática: Aluno Global x Professor Local. Mas ao se deparar com os dados da pesquisa deste contexto específico, as respostas obtidas fizeram com que se repensasse o caminho a ser percorrido e o foco deste trabalho.

Para exemplificar, os dados da pesquisa deste trabalho apontam que, no contexto investigado, apenas três alunos de uma turma de 5º ano possuem computador em casa. Logo, não há como pensar em aluno global. Mais uma agravante é que o laboratório de informática da escola não é adequadamente utilizado. O que compromete a inclusão digital destes alunos, pois, sem acesso a computador em casa, talvez o único local em que estes sujeitos pudessem interagir com este aparelho possa ser a escola, que, pelas respostas, parece não cumprir este papel. Logo, a responsabilidade da escola como local de

inclusão digital e de educação quanto ao uso das TICS passa a ser tema relevante neste contexto.

Também não poderia explicar sobre professor local, pelo viés da utilização dos docentes entrevistados no tocante às tecnologias e ao uso pedagógico das mesmas. Os dados de pesquisa apontam que os docentes utilizam-se das TIC em sua vida privada, valendo-se redes sociais e tecnologias afins, mas ainda encontram dificuldades em converter esse uso privado na forma de práticas pedagógicas que considerem as Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramentas no processo de ensino e aprendizagem.

Em função destes achados, não foi possível abster-se da reflexão sobre a responsabilidade que a escola tem em possibilitar a inserção dos alunos às tecnologias de informação e comunicação em contextos como o estudado, num momento em que o mundo é tão acessível para buscar o conhecimento. E quanto aos alunos, embora estes não estejam em contato diário com computadores, isso não quer dizer que esses estariam “alienados” ou “excluídos” da era digital. Sua inserção está se dando com outros recursos, principalmente com os aparelhos celulares, cuja utilização é atualmente proibida nas escolas da rede estadual, bem como em outros espaços que não em casa ou na escola. Ou seja, reconhecem-se, mesmo nas contingências do grupo estudado, elementos concernentes a habilidades de uma geração de alunos que já nasceu na era digital.

Sendo assim, o tema principal desta pesquisa passou a ser a utilização (ou não) das TIC por parte de alunos e professores de uma escola estadual da região metropolitana de Porto Alegre. O estudo leva em consideração o espaço denominado Laboratório de Informática em sua relação com a aprendizagem escolar, refletindo sobre a utilização das tecnologias digitais como ferramenta pedagógica na escola. Tematiza-se também a respeito da formação dos professores para desenvolver atividades que envolvam estas tecnologias.

A observação do mundo sob a perspectiva da utilização cada vez maior da tecnologia, aliada à preocupação de observar uma realidade de pouca inserção tecnológica escolar, justifica a escolha do tema deste trabalho –

CIBERNATIVOS NA ESCOLA: ANGÚSTIAS, EXPECTATIVAS E RESPONSABILIDADES DE QUEM ENSINA E APRENDE –.

O descompasso entre possibilidades de aprendizagem dos alunos com as tecnologias disseminadas no meio social e as práticas escolares pode estar atuando como um dos fatores a gerar sua desmotivação e até indisciplina. Será que o contato desses alunos com as tecnologias digitais, dentro e fora da escola, não estaria por demandar novas práticas pedagógicas que, inclusive, poderiam reverter em maior sucesso na aprendizagem dos estudantes?

Assim, cabem reflexões sobre como aprenderiam os alunos nesse contexto? Como atrair a atenção deste aluno para a aprendizagem na escola? O uso das tecnologias se constituiria uma boa ferramenta para auxiliar o professor ao se aproximar da linguagem do aluno e dessa forma fomentar sua prática pedagógica de forma mais exitosa?

Essas reflexões podem se direcionar aos LI, de que maneira eles poderiam ser úteis para propiciar aos alunos aprendizagens diferenciadas, cooperativas e profícuas? Do ponto de vista da infraestrutura, seriam ambientes adequados ao número de alunos? Do ponto de vista pedagógico, que usos se costumam fazer destes ambientes? Quanto ao professor: qual sua relação e seu sentimento frente ao uso do computador como recurso em seu fazer pedagógico? Os professores recebem formação e incentivo para usar os Laboratórios de Informática?

São estas as indagações que a presente pesquisa objetiva investigar e refletir. Porém, é sabido que as discussões não se encerram com os resultados que uma pesquisa possa explicitar e sim incitar outras questões, produzindo reflexões e atitudes no afã de trazer benefícios à educação. O presente trabalho se caracteriza pelos seguintes objetivos:

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Apontar as expectativas e as angústias do professor e dos alunos, frente ao uso das tecnologias midiáticas como ferramenta pedagógica, levando em

consideração a responsabilidade da escola, tanto no incentivo às mudanças de práxis pedagógica de seu professorado, quanto à inserção orientada do alunado aos recursos midiáticos.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Inventariar e examinar questões a respeito do ambiente destinado aos computadores na escola, analisando as causas da utilização ou não dos mesmos;
- Interpretar os dados encontrados, a fim de sugerir uma práxis que envolva o uso dos recursos midiáticos de forma a beneficiar o fazer pedagógico do professor.

1.2 Organização do Trabalho

Buscando contribuir para o aprofundamento da problemática apresentada, e estrutura-se conforme o a seguir disposto:

O capítulo dois consiste em revisão bibliográfica dos teóricos da Educação e das utilizações pedagógicas das TICs. São mencionados autores como Paulo Freire, José Manuel Moran, Pierre Lévy, Phillipe Perrenoud, entre outros. Este capítulo tem como intenção expor ao leitor definições e reflexões sobre a geração de alunos que traz consigo envolvimento com os mais diversos recursos midiáticos. A abordagem tem como foco a tecnologia como suporte pedagógico, sua importância na prática docente e com reflexões sobre o uso das tecnologias nas escolas, quais as dificuldades encontradas, quais as soluções empregadas, quem é este professor frente a este contexto.

O terceiro capítulo trará o estudo de caso de caráter qualitativo e descritivo. O contexto da experiência versa sobre a apresentação da instituição em estudo e como ocorreu a inserção de computadores nesse espaço. Foi aplicado com os alunos um questionário e com os docentes foi realizada entrevista na forma de um grupo focal, Esta pesquisa de cunho qualitativo foi realizada com a expectativa de saber qual o envolvimento dos professores com

as mídias e compreender a situação atual de cada um dos docentes dessa escola frente os diferentes recursos midiáticos.

No quarto capítulo, realiza-se apresentação dos dados, dar-se-á a análise dos dados coletados do questionário com os alunos e considerações do posicionamento e do sentimento docente frente ao uso das tecnologias e as possibilidades e experiências exitosas.

E assim sendo, esperamos que este estudo venha a ampliar as ideias e reflexões a respeito do uso das tecnologias na esfera educacional. Nosso objetivo geral é analisar os usos das TIC, bem como refletir sobre o perfil do novo aluno e suas relações com as metodologias usadas pelos docentes e os espaços em que estes equipamentos ocupam na escola.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A educação experimenta um momento singular: A escola como o centro absoluto do saber e o professor como o detentor do conhecimento são posicionamentos que não se enquadram num mundo em que as informações estão tão acessíveis e rápidas. Junto a essa nova realidade, deparamo-nos com um aluno inquieto, questionador das situações da atualidade, que está envolvido com as tecnologias de uma forma diferente do professor.

O professor, por sua vez, encontra-se em um dilema pedagógico: continuar com a prática em que se sente seguro ou se apropriar das tecnologias midiáticas para incluí-las em seu planejamento? Perrenoud (2000, p.125) afirma que uma das competências esperadas em um professor na atualidade é "utilizar novas tecnologias", referindo-se àquelas ligadas à informática.

Mas como usar os recursos midiáticos pedagogicamente de forma a não repetir erros cometidos, como o uso ineficaz da TV e vídeo na escola? Infelizmente, devido à falta de preparo e até mesmo certo comodismo das instituições escolares, estes recursos acabam reduzidas a meros recursos de emergência, ao invés de usá-los para incrementar sua prática docente. O uso de computadores, câmeras digitais, dentre outros recursos, seguirão o mesmo destino, constituindo-se apenas em uma "parafernália digital" ineficaz?

Como usar os espaços dos Laboratórios de Informática de forma a produzir uma aprendizagem significativa¹? É objetivo desta pesquisa contribuir

¹ Ideia desenvolvida pelo psicólogo norte-americano David Ausubel, a aprendizagem significativa baseia-se na proposta centrada no aluno, nas suas inquietações e desejos. Para saber mais sobre a Teoria de Ausubel, acesse: <http://penta2.ufrgs.br/edu/objetivo/ausubel.html>

com a análise de temas tão inquietantes em um contexto específico. Neste percurso, recorre-se a aportes teóricos de estudiosos em Educação e em Tecnologias na Educação, tais como Philippe Perrenoud, Pierre Lévy, Manoel Moran, Paulo Freire, entre outros.

A pesquisa, configurada como um estudo de caso, objetiva perscrutar, através de questionários e observação participante, as formas de utilização e expectativas quanto à apropriação pedagógica das tecnologias digitais. Tendo como agentes participantes as professoras e alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola estadual da região metropolitana de Porto Alegre, procura descobrir os anseios que a inclusão desta ferramenta no fazer pedagógico são sentido pelos professores desta mesma instituição.

2.1 Novos alunos novos

A geração nascida após o *boom* tecnológico parece interagir tranquilamente com diferentes recursos midiáticos e usa a televisão, celular, iPod, internet com agilidade e desenvoltura dos nativos digitais, conforme o entendimento de Prensky (2001).² Essa evolução parece ter implicações no meio educacional, uma vez que a geração que, desde seu nascimento, teve a informação e o entretenimento cada vez mais ao alcance dos dedos é a mesma que se impacienta com as aulas quase que exclusivamente expositivas e descontextualizadas. Talvez por isso, não seja raro observar o crescente número de alunos distraídos e inquietos na sala de aula.

Segundo Lévy (2003), a informática e a tecnologia de informação e comunicação produzem mudanças de concepção de tempo e espaço, bem como do ensinar e do aprender. Com o advento das TIC, sobretudo dos computadores ligados à Internet, o que era distante ontem, percebemos como próximo hoje. Uma informação que demorava a chegar, hoje pode ser transmitida em tempo real. As possibilidades potencializadas pelas TIC de

² Por outro lado, ainda por Prensky (2001), os professores são considerados “imigrantes digitais”, por haverem nascido antes do referido *boom* tecnológico.

recepção, manipulação, edição e publicação de conteúdos por parte dos receptores/usuários dos sistemas informatizados, evidencia a atividade do sujeito. Em comparação com práticas educacionais tradicionais, as transformações da era digital podem estar trazendo questionamentos sobre a centralidade do saber na escola e no professor, bem como de práticas pedagógicas, caracterizadas pela passividade do receptor/usuário/aluno, considerado mero “destinatário” do ato educacional.

O computador e a internet, os compartilhamentos de ideias, as redes sociais como um todo se revelam recursos cada vez mais importantes no meio social. Trazer todas estas potencialidades do uso das TIC para a escola é fundamental e urgente.

No ambiente escolar, os professores reclamam sobre a indisciplina, assinalam que os alunos de hoje não conseguem se concentrar. Mas cabe considerar que fatores podem estar em jogo nessa percepção. Que novo aluno é esse? Não há como negar que o aluno mudou e que hoje ele é um ser midiático e em permanente conexão com tudo através não só do uso do computador, mas também pelo telefone celular, cada vez contendo mais aplicativos. Segundo Win Veen (2009) em seu livro *Homo Zappiens- Educando na era digital*, essa nova “espécie” cresce e se desenvolve usando com destreza os múltiplos meios tecnológicos. Assim, tais sujeitos agora dominam e controlam esses recursos, nem sempre de forma organizada e ponderada; interagem e se fundem em redes sociais virtuais e reais conforme suas necessidades e vontades. O livro mostra-se bastante interessante e leva-nos à reflexão de como nossa relação com a tecnologia se tornou cotidiana a ponto de não notarmos nossa independência em relação a ela. Habitamo-nos a ter comodidade por meio de um clique.

O termo “*geração tecnologizada*”, citado no livro *Homo Zappiens*, busca caracterizar indivíduos que aprendem com facilidade qualquer tipo de aplicativo de celular ou programas de computador. Guardam semelhanças com “*nativos digitais*”, aludidos por Prensky (2001), que digitam mensagens de textos de textos com rapidez estonteante, ao mesmo tempo em que conseguem jogar com parceiros de outros países, aprendendo a se comunicar de forma

autônoma. E esse aluno já chegou aos bancos escolares. Como recebê-lo na escola? Ou, antes, a instituição escolar está preparada para recebê-lo?

Em contrapartida, observa-se um professor ainda reticente e resistente ao uso das tecnologias na Educação, mas não em sua vida pessoal, pois aí ele apresenta certa desenvoltura. Nota-se que, embora possamos estabelecer os professores como “*migrantes digitais*”, em função da faixa etária, por serem de geração anterior ao momento de massificação dos computadores pessoais, existiriam instâncias de sua vida e trabalho em que tal “migração” seria mais evidenciada que em outras. Em sua vida privada, através da internet, acessa redes sociais, os professores já fazem suas pesquisas, criam *blogs*, acessam contas bancárias, realiza compras e se utilizam de outras funcionalidades. Mas em se tratando de trazer esse conhecimento e prática para dentro da sala de aula, há um distanciamento, é nesse âmbito que sua “migração” para a era digital parece estar mais distante de ser completada.

A escola, como instituição, deve procurar atender aos desafios destes novos tempos, em que a sociedade atual e tecnológica conclama uma mudança de práxis pedagógica. Deve pautar suas ações pelo favorecimento da autonomia, promover seu protagonismo de seus alunos através de atividades que enfatizem a autoria, indissociada da ética e da responsabilidade. Esses são alguns dos compromissos que a escola não pode privar seus alunos. Para tanto, faz-se necessário repensar em utilizar os mais diversos recursos midiáticos no ambiente escolar, a ser detalhado nas próximas seções.

2.2 Recursos Midiáticos e seus usos pedagógicos

Para Moran (2000, p.1), “Educar é colaborar para que professores e alunos nas escolas e organizações transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem”. No momento em que, mundialmente, os recursos de comunicação e informação estão cada vez mais instantâneos, cabe à escola aprender e a promover oportunidades para que seus docentes repensem sua prática, agregando os benefícios da tecnologia em favor da

aprendizagem humana, absorver de todos os recursos midiáticos, dos mais atuais aos mais antigos, o que as tecnologias têm a oferecer.

Ainda sobre a relação entre a educação e os recursos tecnológicos, Moran continua:

Uma mudança qualitativa no processo de ensino/aprendizagem acontece quando conseguimos integrar dentro de uma visão inovadora todas as tecnologias: as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais. (Moran, 2000, p.1)

Portanto, cabe, sim, repensar os espaços e os recursos a serem utilizados na escola, assim como a forma de apropriação da instituição escolar não só do uso dos recursos, como também a forma de sua utilização. Essa reflexão visa a promoção de aprendizagens significativas a alunos (e professores), bem como a comunidade escolar.

2.2.1 Laboratório de Informática: espaço de aprendizagem repetitiva ou cooperativa?

Conceituando Laboratórios de Informática, são geralmente espaços que foram, em algum momento, salas de aula convencionais, que passam a comportar de quinze a vinte computadores, muitas vezes com conexão de banda larga. A disposição desses equipamentos na sala geralmente é em formato de U em que, dependendo da quantidade de alunos, devem se agrupar em duplas e até mesmo em trios, para viabilizar o trabalho pedagógico. Estes equipamentos seguem uma determinação de instalação e conservação oriunda do Ministério da Educação no chamado Programa Nacional de Tecnologia Educacional³ - PROINFO que, em linhas gerais, fomenta o uso do computador e seus recursos complementares na rede pública de educação (BRASIL, 2012).

³ PROINFO é “um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias” (BRASIL, 2012) Essas informações podem ser encontradas em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462&id=244&option=com_content&view=article. Acesso em 12/05/2012.

Constituindo-se inicialmente PROINFO, e passando a se denominar, a partir das ações de formação de professores, PROINFO Integrado, conforme Lemos e Dias (2011), os NTE (Núcleos de Tecnologia Educacionais) , órgãos da esfera estadual têm importante função em dar suporte operacional aos professores. Nesse contexto, ocorrem momentos de formação, discussões sobre as relações de aprendizagem e como elas se consolidam através da interação com um meio estimulante e cooperativo, utilizando as TIC's, sobretudo os computadores, além de questões relativas ao uso do sistema operacional LINUX. De acordo com Almeida & Fonseca (2000 p.73), tratam-se de teorias socioconstrutivistas que defendem a ideia que “a troca com o outro é fundamental para a promoção de processos de aprendizagem. A própria consciência de si deriva da percepção do outro”.

Porém, não é suficiente apenas mudar o ambiente, retirando os alunos da sala de aula e levá-los ao Laboratório de Informática. Dispô-los em duplas ou trios não basta para criar uma aprendizagem significativa, bem como o simples fato de colocá-los em frente aos computadores sem planejamento não os incentiva a construir a aprendizagem.

Infelizmente, embora o PROINFO Integrado forneça as máquinas e as orientações para sua instalação, bem como fomenta ações de formação de professores em serviço nos Núcleos de Tecnologia Educacional, sua intervenção aparece não surtir o efeito desejado, no sentido do uso dos recursos da informática para a Educação. Não é raro encontrar o Laboratório de Informática sem utilização por conta de problemas estruturais, pois o espaço físico não comporta a demanda de alunos, de problemas administrativos, bem como de preparação dos professores.

Os problemas administrativos interferem na utilização deste espaço de tecnologia quando a equipe gestora sente dificuldade de captar recursos financeiros para viabilizar a manutenção dos equipamentos, por exemplo. Os problemas operacionais, já mencionados neste trabalho, são aqueles que derivam da ainda não realização de articulações teórico-práticas consistentes, incorporadas em estratégias efetivas de utilização do computador como

ferramenta pedagógica e também do manuseio dessa ferramenta por parte do professor, que muitas vezes não tem familiaridade e domínio do mesmo.

Essa situação é veiculada inclusive nos meios de comunicação. Em artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo “*Professor sem preparo trava uso de computador em escola*”, Lobato e Gois (2009), já faziam referência a estas problemáticas, trazendo um dado, no mínimo curioso: “*Até professores com pós-graduação se dizem despreparados para usar a informática no ensino.*” O artigo segue, informando que muitos professores não tinham computador em casa e na escola os mesmos ainda estavam em desuso.

Contudo, além desses aspectos, alguns outros, recolhidos de nossa experiência profissional, poderiam ser destacados como pontos críticos para uma utilização qualificada do Laboratório de Informática. Dentre eles: Como trabalhar com o Sistema Operacional Linux? Como desenvolver aprendizagem com turmas com quantidade de alunos superior à capacidade de lugares do laboratório? Como acessar a Internet com a conexão oferecida, uma vez que ela é dividida entre os computadores do laboratório, tornando a conectividade lenta?

Alguns docentes não se intimidam com as dificuldades e conseguem ver nelas a oportunidade de superação. Não se sentem ameaçados com o uso do computador na escola, conseguem ver neles a possibilidade de mudança de uma ação pedagógica centralizada no professor dono do conhecimento para um professor que valoriza um aluno como um sujeito pró-ativo e que constrói sua aprendizagem através da socialização e da cooperação.

Independente das dificuldades quanto à possibilidade de uso dos computadores nos laboratórios, é necessário esclarecer que o computador na escola, deve atender os mesmos objetivos que fora dela: intermediar e mediar relações sociais. Utilizar computadores sem esta preocupação é negar ao aluno a real inclusão social /digital. Como diz Valente (1997, p. 21)

Se o computador pode ser usado para catalisar e auxiliar na transformação da escola, mesmo diante dos desafios que esta transformação nos apresenta, essa solução, a longo prazo, é mais promissora e mais inteligente do que usar o computador para [apenas] informatizar o processo de ensino.

Aqui se encontra uma dificuldade bem pontual: a formação dos professores. E fornecer aos docentes informações e orientações metodológicas que favoreçam seus planejamentos na inclusão de novas tecnologias é imprescindível. Dessa forma, alguns mitos e conceitos pré-concebidos que possam gerar desconfiança e desconforto por parte dos professores possam ser naturalmente derrubados, como por exemplo, o desinteresse em usar um sistema operacional (LINUX EDUCACIONAL) diferente dos que aquele que possuem em casa (WINDOWS).

O sistema operacional LINUX, por vezes tão repudiado, talvez não o fosse caso os professores o conhecessem como uma possibilidade de trabalhar com um sistema tão ou mais seguro que o seu concorrente, gratuito e personalizável. É bem verdade que no início do seu desenvolvimento eram necessários inúmeros comandos para se realizar qualquer função e uma interface pouco atraente, porém isto não é demérito apenas do Linux. Até mesmo o sistema Microsoft Windows, em suas primeiras versões (e, em alguns aspectos, até mesmo nas versões mais atuais), teve (e tem) seus momentos em que usuários sem muita proficiência em informática sentiam dificuldades com os excessos de comandos necessários para realizar as tarefas. Uma vez que o LINUX EDUCACIONAL foi eleito para estar nos equipamentos do PROINFO, atualmente, uma das ações de formação do Projeto é formação neste sistema educacional. Um estudo sobre esse processo de formação e as dificuldades e progressos encontrados pode ser encontrado em Lemos e Dias (2011).

De qualquer forma, independente do sistema operacional disponibilizado ou qualquer dificuldade encontrada, todas as tentativas para favorecer e incrementar a aprendizagem podem ser fatores para a transformação da adversidade encontrada em possibilidades de trabalho pedagógico inovador e voltado à aprendizagem na contemporaneidade.

2.2.2 O uso do celular ⁴

O governo do Estado do Rio Grande do Sul sancionou em janeiro de 2008 a lei estadual nº 12.884, que proíbe o uso de telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Rio Grande do Sul durante os horários de aula (RIO GRANDE DO SUL, 2008). Segundo o autor da lei, Giovani Cherini: “O uso do celular no ambiente escolar compromete o desenvolvimento e a concentração dos alunos, e é um hábito muito comum. Pretendemos com a proibição, incentivar o raciocínio, evitar a cola e manter a concentração dos alunos”.⁵

Leis como esta estão se propagando em vários estados brasileiros. Há inclusive, no Congresso Nacional um Projeto de Lei (nº2.246/2007), versando sobre o mesmo tema, de autoria do então Deputado Federal Pompeo de Mattos (PDT/RS), para que se transforme em Legislação Federal. Pois bem, se tal aparelho tem tanto poder e é capaz de tantos “estragos” e de “atitudes antiéticas”, não seria mais interessante transformá-lo num recurso a favor do fazer pedagógico e passível de reflexão a respeito dos valores? A discussão sobre a utilização dos aparelhos celulares é ainda mais premente no contexto desta pesquisa, uma vez que os dados apontam que esses acabam suprimindo a ausência de acesso a computadores e conectividade na Internet dos alunos da comunidade investigada.

Os alunos usam cotidianamente o celular e em lugar de refutá-lo, transformá-lo num aliado pode ser uma alternativa enriquecedoramente lúdica, pois, conforme Monteiro (2007), em seu estudo sobre o uso do celular como alternativa pedagógica no cotidiano das escolas,

⁴ Dicas de sites sobre o uso do telefone celular como recurso pedagógico podem ser encontrados nos seguintes endereços eletrônicos:
<http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>
<http://www.educared.org/global/educarnaculturadigital/twitter-celular>

⁵ Telefone celular deve ser proibido em sala de aula. **Zero Hora**. Porto Alegre, 17 dez. 2007. Disponível em:
<<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2007/12/telefone-celular-deve-ser-proibido-em-sala-de-aula-1711968.html>>. Acesso em: 04 mai. 2012.

o que se pode dizer é que o celular vem dialogando com as culturas as quais possivelmente já estão presentes nas salas de aula e/ou no espaço escolar com uma disposição que pode possibilitar emergir novas culturas e novas práticas pedagógicas.(MONTEIRO2007,p.3)

Em outro trabalho, Rodrigues e Pinheiro (2012) destacam as possibilidades de usar o telefone celular como ferramenta pedagógica para atrair os alunos nas atividades de leitura e escrita. Exercitar a elaboração de textos sintéticos construindo resumos utilizando apenas 121 caracteres é uma das atividades que são mencionadas no artigo não só com o propósito de letramento digital, mas aproximar a escola com a vida do aluno.

É sabido que a evolução dos aparelhos celulares é impressionante, a quantidade de aplicativos e recursos transformam estes aparelhos mais que um telefone, ele é ao mesmo tempo uma câmera digital, sistema de localização, navegador de internet, editor de imagens, entre outros. Mesmo os aparelhos mais simplórios são capazes de auxiliar nas mais diversas disciplinas e atividades escolares, como por exemplo: usar torpedos entre os alunos e professores, com dica de leitura, avisos importantes; incentivar a organização de tarefas e trabalhos através da agenda ou lembretes; realizar pequenos filmes, entrevistas; bater fotografias; calcular.

Dessa forma, como o uso de uma simples tesoura em sala de aula implica cuidados específicos, orientações e combinados, o celular, da mesma forma, para ser utilizado com finalidade pedagógica, deve ter orientações específicas como também o professor ter objetivos definidos e um planejamento bem elaborado. Cabe salientar que, nesses casos em que há explicitação das práticas e dependendo do encaminhamento junto à equipe diretiva, por vezes o uso do celular é liberado para situações pedagógicas específicas, na maioria das vezes é utilizado o aparelho trazido pelo professor para estas atividades.

De qualquer forma, não caberia proibir seu uso na instituição escolar, dificultando, inclusive, uma apropriação pedagógica do aparelho no contexto escolar. O simples impedimento do uso do celular impede uma discussão mais aprofundada sobre sua importância no meio social e, a partir desse equipamento, há uma excelente oportunidade de discutir com os alunos os contornos do que é público e do que é privado em uma instituição como a

escola, o que é “direito de imagem”, qual o uso ético de um equipamento desta natureza no meio social, entre outros temas que envolvem a sua utilização.

2.2.3 Câmera fotográfica digital

“Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça” deixou de ser apenas uma frase de Glauber Rocha em relação a uma postura perante o cinema, passando a cada vez mais fazer parte também do cotidiano escolar. Além de registrar os trabalhos dos alunos, uma câmera digital pode fomentar a possibilidade, de exercitar nos alunos a técnica da observação antes, durante e após capturar uma imagem, podendo, também suscitar reflexões. Dessa forma, incentivar o uso da máquina digital e as possibilidades de trabalhos com os registros fotográficos feitos pelos próprios alunos poderá agregar ao trabalho pedagógico muito mais riqueza e criatividade, além de poder proporcionar atividades que enfatizem a autoria, na medida em que articulam registros escritos e por imagem de forma contextualizada.

O uso da câmera fotográfica na Educação tem publicação relevante, enfatizando tanto a questão da Pesquisa em Educação, como no uso da fotografia como recurso didático. Martelli (2003) aponta para diversos aspectos da fotografia na Pesquisa em Educação, relacionando seu uso em interface com a Antropologia, enfatizando a questão de a fotografia ser um registro de um tempo, um espaço e uma organização social. Também aponta a partir dos comentários de autores referência na área, potencialidades e limitações do uso da fotografia para a pesquisa em Educação.

Em uma reflexão sobre as potencialidades do uso da imagem na educação, Alves e Oliveira (2004) comentam que, tanto ao utilizar fotografias do contexto específico da prática pedagógica, para análise de uma situação contemporânea e próxima, quanto fotografias de uma determinada época, para que os *leitores* possam estabelecer “*espaçotempos*” concernentes a cada imagem, na medida em que:

Todas essas imagens ganham um adjetivo – alegre, arrepiante – pois as ligamos rapidamente a narrativas antes feitas a nós por pais, avós, tias/tios ou amigos, e que recriamos a cada momento. Com essa lembrança, queremos indicar como narrativas e imagens se entrelaçam em nossas vidas e como tudo o que conseguimos ver se

articula sempre com o que sabemos antes, por narrativas ou imagens anteriores. [...] (ALVES, OLIVEIRA, 2004, p. 19).

Com base neste raciocínio e fundamentada em Manguel, é possível comentar sobre a potencialidade do uso da imagem em processos educativos, conforme “uma imagem dá origem a uma história que, por sua vez, dá origem a uma imagem” (MANGUEL, 2001 p. 24, apud ALVES, OLIVEIRA, 2004, p. 20).

No campo da didática em Educação em Ciências, Barbosa e Pires (2011), estudam o uso da fotografia como recurso didático para a educação ambiental, fundamentada nos pressupostos de Paulo Freire em prol de uma Educação Problematizadora. As autoras argumentam metodologicamente este tipo de abordagem, com base no estudo de Lopes (2005), que comenta:

a linguagem fotográfica é vista como uma prática, que pode ser estimulada na escola [...]. Colocando em foco as múltiplas formas de ver e ser visto, o ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos. (LOPES, 2005, p. 09, apud BARBOSA; PIRES, 2011, p.)

Desta forma, observamos o quanto os recursos tecnológicos, como os computadores, mas também celulares e câmeras fotográficas digitais podem, a depender do ordenamento da prática pedagógica, responder o apelo desta geração midiática, dos “nativos digitais” já mencionados neste trabalho.

Entretanto, observa-se e os dados deste trabalho, apontam resistências dos docentes na utilização de mídias e tecnologias. Alguns a rejeitariam *per se*, tratando o uso de mídias e TIC como a maldição de uma geração, a grande causadora pela falta de concentração e hiperatividade em massa. Outros a tomam como “a” solução: a grande redentora e somente através de seu uso todos os problemas de aprendizagem se resolveriam. Em meio a estes dois posicionamentos extremos, qual seria a postura adequada do professor? Este é o tema a ser refletido na próxima seção.

2.3 Professores motivados, angustiados ou indiferentes?

Há professores que demonstram entusiasmo diante do fato de inserir os mais diversos tipos de tecnologia em seu cotidiano pedagógico, transformam um celular, câmeras digitais, computadores, em ferramentas que produzem conhecimento e competências diversas, além de possibilitar que estes objetos de desejo e tão atraentes possam ser utilizados de forma orientada e com responsabilidade.

Ao mesmo tempo, é possível observar docentes aflitos e incomodados com a inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação cada vez mais eminente e deflagrada. Esse incômodo talvez gerado pelo receio de sair da zona de conforto, de não ter o controle da situação, de ter que ser autônomo na busca de novas práticas educativas, coloca o professor numa situação que ele não está acostumado: o lugar de aprendiz.

Alves (2001) aponta, em seus estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação a existência, na relação entre os docentes e o uso dessa tecnologia de

basicamente, duas posições: a dos que festejam a chegada das TICs como sendo a possibilidade de um novo rearranjo social, considerando sociedade da informação e sociedade do conhecimento como sinônimas; e a dos que vêem nas TICs um mal em si mesmo, ao perpetuarem as estruturas de dominação já existentes em nossa sociedade. (ALVES, 2001, p. 55).

Do ponto de vista das competências, Fernandes (2003), coloca como percebe a situação docente:

O desenvolvimento dessas competências exige a construção de conhecimentos que não fizeram usualmente parte do currículo de formação inicial da maioria dos professores, tais como: o conhecimento do conteúdo da informática, o de metodologias ou didáticas necessárias ao desenvolvimento desse conteúdo. Além disso, em seu trabalho com o computador poderão surgir situações pouco familiares aos professores, e que se referem a um maior domínio de conhecimento em informática também por parte do aluno. (FERNANDES, 2003, p. 3).

E há os professores indiferentes, alheios ao momento diferenciado em que vive a educação. Com a inserção dos computadores nas escolas, ficou estampada uma situação de mudança que de início gera desconfiança,

desconforto e até mesmo medo. E isso é normal e natural. A inclusão da televisão e do videocassete na escola também gerou estranheza, embora também caiba registrar indagações quanto a sua utilização eficiente desses recursos na escola.

É importante salientar, que se entende a respeito do quanto se está sendo exigido do professor e quanto a isso Fernandes, continua:

É importante também concebê-lo como uma pessoa adulta que está se envolvendo ou sendo envolvida num mundo cujas características não pertencem a sua geração, que é o mundo da informática; da cibercultura. Um mundo em que são os jovens os protagonistas. (FERNANDES, 2003, p. 4).

Essas novas demandas derivadas dos usos das tecnologias podem se caracterizar como uma angústia. Alguns apontamentos, ainda que breves, sobre esse tema se fazem necessários. A angústia é um tema caro à Psicologia. Com base nos estudos de Freud e tendo por base empírica os registros do diário de uma professora da alfabetização, Zibetti (2004), tematiza que a angústia deriva de um descompasso na relação professor aluno.

Na relação professor-aluno está em jogo a enunciação de dois desejos - o desejo de ensinar e o de saber. A ação destes dois sujeitos na cena pedagógica será sempre mediada por estes desejos. O professor, ao fazer seu planejamento didático, prepara-se para o previsível considerando o seu desejo. Ao ingressar na sala de aula, se depara com o imprevisível ocorrendo aí o desencontro entre o seu desejo e o do aprendiz. (ZIBETTI, 2004. p.221).

Se deparar com o “imprevisível”, a angústia é delineada, a partir da análise dos registros da professora, da seguinte forma:

A angústia, nesse caso, é um desprazer capaz de manifestar-se em dor física diante das dificuldades de uma tarefa para a qual a professora não se sente preparada. A inexperiência aliada à expectativa construída por atribuições sociais faz com que a professora sinta-se incapaz de corresponder à altura do que dela se espera. [...] Neste caso há um perigo iminente que a professora relaciona ao medo do fracasso, ao temor de não conseguir alfabetizar seus alunos e como consequência perder o respeito da comunidade escolar, dos pais e dos colegas professores. (ZIBETTI, 2004, p.221).

Ainda que os apontamentos se refiram a uma professora no processo de alfabetização, essa angústia, promovida pelo descompasso entre o ensinar e o

aprender e a sensação de desamparo por medo de fracassar na tarefa de ensinar, pode muito bem estar atuando na (não) apropriação das tecnologias nas práticas pedagógicas. É possível dizer que além do descompasso entre ensinantes e aprendentes, temos o descompasso desfavorável ao professor, de não ter tanta familiaridade com as TIC, na comparação com a vivência e habilidades dos alunos na relação com esses equipamentos.

Enfim, os professores, “migrantes digitais”, conforme Prensky (2001), parecem não estar negando mais as tecnologias. Acabam por usar os recursos tecnológicos para uso pessoal, porém negam ou mesmo se sentem despreparados para prover esse acesso e interação a seus alunos. O delineamento desse perfil parece, distanciado mais de uma década no tempo, inserir um terceiro posicionamento entre os “entusiastas” e os “negadores” das tecnologias na Educação, apontado anteriormente a partir do trabalho de Alves (2001). Emerge, enquanto perfil, o docente que usa a tecnologia em sua vida pessoal, não a nega, mas não detém entusiasmo ou outra motivação suficiente para converter esse uso em práticas pedagógicas em que seus alunos utilizem as tecnologias como ferramentas para a construção do conhecimento.

E como operar, do ponto de vista da reflexão sobre a prática docente, para que o professor se autorize cada vez mais a utilizar as TIC em sua prática pedagógica. Há um apontamento na obra “*Pedagogia da Esperança*”, de Paulo Freire (1992), que pode contribuir com o debate. Freire aponta ser imprescindível que o professor tenha uma atitude “criticamente curiosa, indagadora, crítica, vigilante” diante das tecnologias, e que devemos sempre refleti-la Segundo ele:

O que me parece fundamental para nós, hoje, mecânicos ou físicos, pedagogos ou pedreiros, marceneiros ou biólogos é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. Nem, de um lado, demonologizá-la, nem, de outro, divinizá-la. (FREIRE 1992, p.68)

Diante disto é possível pensar que, embora estes novos alunos tenham domínio da usabilidade, de certos aplicativos e até mesmo de muitos programas, faz-se necessário, a partir de uma postura crítico-reflexiva do professor sobre o uso das TICS, orientá-los sobre como tirar das tecnologias o melhor que ela pode oferecer, em uma construção que entrelaça, na

Educação, uma abordagem da produção estética que enfatiza a autoria à ética, na medida em que essa produção se dá na relação com o outro, professor e alunos, a construir coletivamente percursos de aprendizagem. Promover, junto aos alunos ao interesse pela pesquisa, pelo conhecimento, enfatizando o protagonismo de seus projetos, incentivá-los ao compartilhamento e cooperação de ideias e ações são funções que dependem do incentivo e do olhar e da ação comprometido do professor. Contudo, este papel não cabe ao docente de forma isolada. Cabe também detalhar as responsabilidades da escola neste processo de letramento digital em prol da Educação de sua comunidade: não somente dos alunos, mas também do quadro docente, da equipe diretiva, pais e comunidade do entorno.

2.4 A responsabilidade da escola

Ainda a respeito da responsabilidade docente na inserção das tecnologias como meio de aquisição de informação e conhecimento, Freire, em seu livro *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, , é objetivo ao afirmar que o conhecimento fortalece o ser humano, dando a ele a força para transformar. O termo utilizado por Freire “empoderamento” significa exatamente isso: transformação.

Não seria função da escola, fornecer aos alunos mecanismos para que se torne um verdadeiro um cidadão capaz de agir com criticidade e autonomia? A escola não deve ser o local que cada um possa descobrir em si a força para sua evolução?

Ao se falar tanto em mudanças na prática pedagógica em relação ao uso eficaz das tecnologias, deve-se ter em mente que tal mudança perpassa igualmente a gestão escolar, em seu modo de conceber a função social que a escola tem em cada um de seus alunos. Valente (1999) comenta que o gestor é corresponsável por essas mudanças. Não se pode medir esforços para incentivar seus professores a se qualificarem, deve-se recorrer a órgãos internos, como os representantes do Círculo de Pais e Mestres e Conselho Escolar para cada vez mais contornar os obstáculos e melhorar

incessantemente todo o processo de ensino-aprendizagem, para que seus alunos possam contar com um ensino de qualidade.

Só é aceitável pensar em qualidade educacional, quando a escola alicerça sua prática numa educação pautada em valores que propõe a construção de uma sociedade mais humana. Essa sociedade é composta de percepções coletivas e Freire em diálogo com Ira Shor, em *Medo e Ousadia – o cotidiano do professor* (1986) nos faz refletir sobre esta relação individual e coletivo: Mesmo quando você se sente, individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do *empowerment* ou da liberdade (FREIRE, SCHOR, 1986, p. 135).

A transformação do indivíduo e conseqüentemente da sociedade em que ele está inserido só será possível quando as metodologias individualistas da escola der lugar a uma tomada de consciência de sua responsabilidade social, promovendo uma reflexão séria e comprometida com esta responsabilidade.

Freire (1981) entende educação como algo político e dialógico, e isto só é possível com a troca de saberes, repito com a troca, em que todos aprendem juntos, e constroem o conhecimento juntos. É a escola o local perfeito para se promover justamente a troca de conhecimento, o diálogo, a tomada de conhecimento. É crível que isto aconteça quando a escola toma para si a sua responsabilidade social.

Nesta revisão bibliográfica, enfatizaram-se as potencialidades das Tecnologias da Informação e Comunicação, privilegiando os computadores, aparelhos celulares e câmeras fotográficas digitais e buscou-se evidenciar o descompasso entre tais potencialidades e a postura dos docentes e da instituição escolar em resistir, por diferentes fatores, na utilização destas Tecnologias nas práticas pedagógicas. Em função de um detalhamento a fim de uma compreensão mais adequada desse descompasso, realizou-se uma investigação para identificar concepções sobre e usos da informática e de outras Tecnologias da Informação e Comunicação em um contexto escolar específico, a ser mais bem detalhado nas próximas seções.

3 QUESTÕES DE PESQUISA E METODOLOGIA

Apontar as expectativas e as angústias do professor e dos alunos, frente ao uso das tecnologias midiáticas como ferramenta pedagógica, levando em consideração a responsabilidade da escola, tanto no incentivo às mudanças de práxis pedagógica de seu professorado, quanto à inserção orientada do alunado aos recursos midiáticos.

3.1 Indagação de pesquisa

A presente pesquisa pretende responder o seguinte questionamento:

- Como acontece o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação, principalmente o computador, para a nova geração de alunos nos Laboratórios de Informática numa escola pública de uma cidade da grande Porto Alegre?

Com base nesta indagação, reflete-se sobre as relações e sentimentos que envolvem professores e alunos e as concepções sobre o uso eficaz do computador no Laboratório de Informática, para tanto o levantamento se deu a partir de um questionário aos professores e alunos da escola, com indagações, como:

Para o Professor: Qual é seu sentimento quanto à inserção do computador no seu planejamento? Que te motiva a fazer do computador uma ferramenta que possa beneficiar o processo de aprendizagem de teus alunos? Há algum fator que inviabilize o uso de tal ferramenta? Se positivo, liste-os e comente-os?

Para o Aluno: Você já usou o Laboratório de Informática? Você gostaria de usar mais o computador na escola? Para que você gostaria de usar o

computador na escola? Editar textos, imagens, pesquisar, acessar redes sociais ou outros?

3.2 Metodologia

3.2.1 Tipo de pesquisa

De acordo com Yin (1990), em se tratando de uma pesquisa referente ao Método Estudo de Caso, é preciso inicialmente definir objetivamente o problema que será pesquisado.

Pensando que o questionamento principal é: *“Como acontece o uso das tecnologias, principalmente o computador, para a nova geração de alunos nos Laboratórios de Informática numa escola pública de uma cidade da grande Porto Alegre?”*, optou-se pela abordagem qualitativa que tem sido habitualmente usada quando se abrange estudos nos quais se localiza o observador no mundo, constituindo-se, portanto, num enfoque naturalístico e interpretativo da realidade (DENZIN, LINCOLN, 2000).

3.2.2 Descrição da realidade pesquisada

Realizou-se uma pesquisa tendo como loco uma escola pública estadual do Ensino Fundamental de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Inserida bem no centro da cidade, a escola em questão, atende o Ensino Fundamental Séries Iniciais e possui cerca de 430 alunos em dois turnos. Os alunos são oriundos de diversas partes do município, todos da zona urbana. Conforme a ficha⁶ sócio econômica dos alunos, estes estão definidos, em sua maioria, como filhos de pais separados, que estudaram em média, até o 5º ano (Ensino Fundamental 9 anos). Além disso, essas famílias possuem uma renda entre 2 e 3 salários mínimos, trabalhando como autônomos. Sessenta por cento do alunado recebe algum benefício dos programas sociais existentes no país, como o bolsa-família.⁷

⁶ Essas fichas encontram-se presentes na escola estudada.

⁷ O **Programa Bolsa Família** (PBF) é um programa de transferência de renda com condicionalidades criado pelo Governo Lula em 2003, por sugestão de Marconi Perillo, então governador de Goiás pelo PSDB, para integrar e unificar ao Fome Zero os antigos programas implantados no Governo FHC: o "Bolsa Escola", o "Auxílio Gás" e o "Cartão Alimentação". O

O Laboratório de Informática é um espaço de aproximadamente 52m² equipado com 15 computadores de marca Positivo, com monitores de 15 polegadas, tela de LCD, com o Sistema Operacional LINUX, distribuídos numa mistura de bancadas, especialmente para esta finalidade e também de classes comuns. Os assentos são basicamente estofados, mas há cadeiras comuns de sala de aula. Embora o PROINFO, oriente a instalação de ar condicionado, neste Laboratório de Informática não há esse equipamento. O acesso à internet, originalmente era por *wireless*, mas no momento estão em cabos.

Tendo este panorama o questionário fornece dados que possibilita comparações e interpretações entre as diferentes concepções sobre a importância e a forma do uso do Laboratório de Informática.

3.2.3 Participantes da pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 08 professoras de 1º ao 5º ano, do ensino fundamental e 57 alunos do 5º ano do ensino fundamental, com idade média de 11 anos, de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre.

3.2.4 Método de coleta de dados

Os dados foram obtidos através do segmento dos professores e alunos desta instituição, recorrendo como instrumento um questionário com perguntas abertas e fechadas, que foram fornecidas em mãos, devendo permanecer anônima. Contudo, diante da intenção de obter dos professores percepções sobre angustias, entusiasmos, queixas e até mesmos possíveis reivindicações, foi utilizada a metodologia de grupo focal.

PBF é tecnicamente chamado de *mecanismo condicional de transferência de recursos*.^[2] Consiste-se na ajuda financeira às famílias pobres, definidas como aquelas que possuem renda per capita de R\$ 70,01 até 140,00 e extremamente pobres com renda per capita até R\$ 70,00. A contrapartida é que as famílias beneficiárias mantenham seus filhos e/ou dependentes com frequência na escola e vacinados. O programa visa a reduzir a pobreza a curto e a longo prazo através de transferências condicionadas de capital, o que, por sua vez, visa a quebrar o ciclo geracional da pobreza de geração a geração. Essas informações podem ser encontradas em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa_Fam%C3%ADlia Acesso em 21/05/2012.

A equipe para condução desta metodologia foi composta pela pesquisadora, que assumiu também a função de facilitadora e de outra professora como relatora, é importante salientar que ambas já são conhecidas pelo grupo e já foram docentes desta escola, evitando assim a possibilidade de sentirem-se observadas e inibidas.

Os grupos foram formados levando em consideração a necessidade de informação ao estudo. Portanto, formou-se dois grupos distintos, um dos professores do 5º ano (Ensino Fundamental 9 anos) e outro com os professores dos demais anos iniciais.

O primeiro grupo formado por duas professoras do 5º ano, contou com aproximadamente trinta minutos de conversa na sala da Biblioteca. Já o segundo grupo, teve seis participantes e utilizamos cerca de uma hora de conversa. Cada participante poderia contar com até 10 minutos para falar, porém o que se observou neste grupo foi a mistura de comentários e intervenções de uma a outra, forma que não seguiu comentários estanques com réplicas e tréplicas, e sim quase um bate papo informal. A conversa foi gravada, fato informado e consentido pelas professoras, assegurando-lhes o anonimato e o uso exclusivo da gravação para fins de pesquisa. O roteiro de discussão tomou por referência as perguntas, porém questões mais pontuais e de análise foram introduzidas, levando em consideração inclusive as respostas dadas. A condução destes momentos foi tranquila, foi divulgada a finalidade e como seria este momento de conversa no início de cada sessão.

O registro da discussão foi feita através de gravação por máquina digital e em paralelo as anotações escritas, tomando o cuidado de inserir situações comportamentais não verbais (gestos, expressões faciais, etc.), a partir do preconizado por Barros e Duarte (2006).

A realização do grupo focal com estes dois grupos não foi realizada no mesmo dia, facilitando à equipe pesquisadora poder resumir e analisar as informações registrando com fidelidade as impressões para o estudo.

Foi seguido o seguinte método:

- leitura dos resumos, observando as predisposições e características, opiniões que se repetem;

- leitura das transcrições, destacando as partes que correspondem às perguntas referências;
- análise de cada pergunta em separado, descrevendo a discussão.

Tendo como referências as perguntas do questionário e seguindo os passos propostos por Barros e Duarte (2006). O encontro com as professoras do 5º ano transcorreu de forma bastante tranquila. Ambos os grupos demonstraram estar relaxados e desinibidos, comentando as respostas que haviam fornecido, de forma descontraída.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS

4.1 Questionário dos alunos: Dados Gerais

Dos 30 alunos matriculados na turma da manhã, no dia da pesquisa estavam presentes 27. Dos 32 alunos matriculados na turma da tarde, todos estavam presentes no dia da pesquisa.

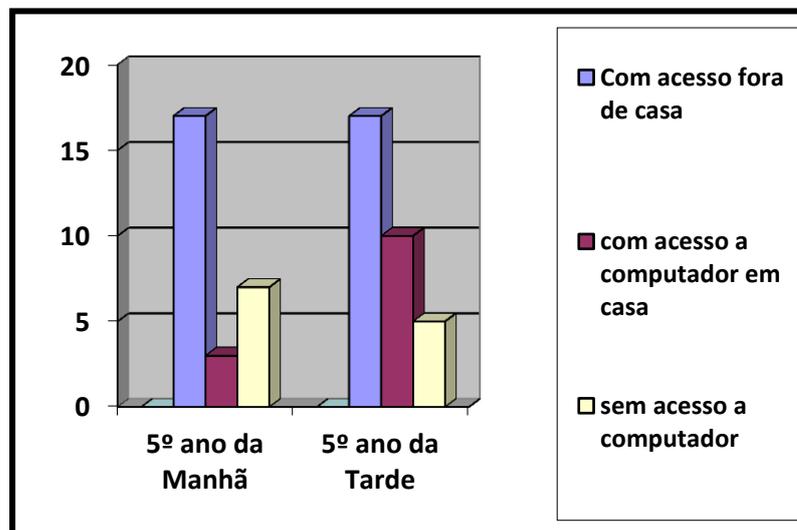


Gráfico 1: Acesso ao computador

4.1.1 Apresentação dos Dados

O resultado do questionário destinado aos 30 alunos do 5º ano do turno da manhã da escola *locus* de pesquisa, revelou um perfil bastante interessante quanto a alguns aspectos. No dia em que foi realizado o questionário havia 27 (vinte e sete) alunos presentes, dentre os quais a grande maioria, 17 (dezesete) alunos confirma que já usou computador, porém este uso não foi

realizado em casa e sim na casa de parentes, amigos ou em *lan house*. Dentre os demais dados, observa-se o baixíssimo índice de alunos com acesso a computador em casa, apenas 03 (três) alunos. Outro dado interessante é a constatação que 07 (sete) alunos nunca tiveram acesso ao computador em qualquer lugar que não fosse a escola.

Esses dados são bastante reveladores, demonstrando uma turma em que a maioria dos alunos só teria acesso ao computador sendo na escola, e antes de analisar mais profundamente estes números, observemos mais dados.

No turno da tarde, o resultado do questionário destinado aos 32 (trinta e dois) alunos do 5º ano do turno da tarde da escola pesquisada, revelou um perfil que difere em certos aspectos do turno da manhã. No dia em que foi realizado o questionário todos os alunos estavam presentes, dentre eles 17 afirmaram ter computador com acesso a internet em casa, 10 alunos disseram que quando acessam é em outros lugares, 05 afirmaram não ter como acessar se não for através escola.

Todos os alunos da manhã e da tarde sabiam da existência do L.I, na escola. A partir do mês de maio de 2012, para ambos os grupos o laboratório só foi usado para fins de reunião ou para usar o data-show com os alunos. Até maio de 2012, o grupo da manhã diferencia-se do turno da tarde, pois já utilizaram os computadores deste laboratório no início deste ano letivo, quando estavam com outra professora, que saiu da escola.

Os alunos da manhã e da tarde tiveram respostas semelhantes quando indagados de como pensam que deveria ser o L.I: evidenciando senso crítico, apontaram problemas e acima de tudo expuseram suas expectativas: todos desejam um espaço maior, com mais conforto e com mais computadores para que fossem utilizados individualmente; quiseram também que todos os computadores funcionassem e tivessem conexão rápida à internet.

Novamente os alunos dos turnos da manhã e da tarde tiveram respostas bem semelhantes quando perguntados de como pensam que deveria ser o Laboratório de Informática: maior para atender toda turma, com ar condicionado, todas as cadeiras estofadas, com um computador para cada

aluno, e que todos os computadores funcionassem e com acesso rápido a internet.

Quando perguntados sobre o uso e acesso de outras tecnologias, 99% dos alunos respondentes do grupo da manhã e a totalidade dos alunos da tarde responderam que possuem telefones celulares. Ao responder sobre o uso que os alunos fazem destes objetos, depreende-se que a maioria destes aparelhos possuem outros recursos que não apenas receber e fazer ligações. Eles também com diversos aplicativos além de suportes para o uso via *Bluetooth*, acesso a rede sem fio, câmera, entre outros. Aqui os alunos discorreram com desenvoltura sobre suas habilidades em editar fotos, baixar música e vídeos, fazer e editar vídeos, jogar e acessar algumas redes sociais. E mesmo o aluno que não possuía o aparelho sabe das possibilidades dos aparelhos celulares, pois conhece através de amigos e ou parentes.

Mesmo, quando se nota certa intimidade com o uso de um aparelho tecnológico em especial, o telefone celular, foi possível observar que a inclusão destes alunos ao mundo midiático e seus recursos são distintos entre o grupo da manhã e da tarde, se medida pela familiaridade desses a alguns termos específicos referentes às tecnologias. Para o grupo da manhã, aparelhos como tablet e palavras como *tumblr*, *memes*, *fotolog*, comuns àqueles ditos incluídos digitais, são para os alunos desta turma palavras com quase nenhum significado.

Já para o grupo da tarde, aparelhos como *tablet* e palavras como *tumblr*, *memes*, *fotolog*, são para os alunos desta turma, palavras conhecidas e com significado. Dois alunos disseram possuir *tablets*. Os alunos, além de dizerem o que significava *tumbler*, *memes* e *fotolog*, utilizaram o momento de aplicação do questionário para explicar os termos aqueles que não sabiam.

4.1.2 Discussão - Questionários

O questionário tinha a intenção inicial de perceber o nível de intimidade que os alunos desta série tinham em relação a algumas mídias, principalmente o computador e seu uso na escola através do Laboratório de Informática, porém a primeira pergunta deflagrou algo que chamou a atenção de forma preocupante ao constatar que entre os 59 alunos que responderam o

questionário, 12 alunos não tem acesso ao uso do computador, nem em casa e nem em outro lugar.

Diante deste fato, e repito que em função dele mudei o foco de estudo para este trabalho, pode-se observar o quanto a exclusão tecnológica ainda perpetua nas classes menos favorecidas. E mais uma vez fica visível a grande incumbência da Escola em inseri-los e orientá-los neste meio digital.

Numa sociedade informatizada, é muito importante dar aos alunos a possibilidade para que não fiquem à margem desta sociedade, muitas vezes impedidos de realizar atividades que dependam das tecnologias.

A exclusão digital não se refere apenas a não ter um computador em casa, é mais amplo do que isto passa por saber utilizar, interagir, manipular com facilidade e responsabilidade as tecnologias independente de qual tecnologia estejamos falando.

Silva-Filho (2003) em seu artigo “*Os três pilares da inclusão digital*”, coloca muito bem a importância que a escola tem, neste item:

Um parceiro importante no combate à exclusão digital é a educação. A educação é um processo e a inclusão digital é um elemento essencial deste processo. Instituições de ensino, tanto públicas como particulares, devem contribuir para o aprendizado e interação dos cidadãos com as novas tecnologias, sendo para isso necessária a atuação governamental e da própria sociedade. Atualmente, o termo sociedade do conhecimento, ou da informação, vem sendo usado para designar uma nova forma de sociedade, onde o recurso mais importante é o capital intelectual, que é cada vez mais exigido de quem deseja conseguir um emprego.

Porém muito mais que desejar e conseguir um emprego, ser incluído digitalmente abre a possibilidade de ter acesso à informação e à comunicação.

Ao notar duas turmas com aparente nível sócio econômico distintos, talvez caiba registrar que a escola não faz nenhuma distinção na hora de fazer a matrícula, porém a direção da Escola confirma que o perfil matutino da instituição é mais carente que o vespertino.

Voltando aos dados coletados, observa-se também que todos os alunos não são indiferentes a respeito da existência do L.I na Escola. Embora pouco menos metade dos alunos já tenham utilizado o laboratório, todos manifestaram desejo de frequentá-lo, porém demonstrando um senso crítico

não só quanto a certos problemas estruturais, bem como da própria dificuldade pessoal de acesso, alguns alunos disseram: : “... todos os computadores deveriam funcionar...,” “...deveria ter mais espaço, ficar em três num computador, é ruim...”, “...eu queria que tivesse toda a semana...”, “...tomara que a gente possa ir este, por que se não for aqui eu não tenho como mexer...”

Outro fator interessante e que chamou atenção, foi a popularidade dos telefones celulares entre os alunos, mesmo entre aqueles que não o tem. Foi possível constatar que este aparelho e seus aplicativos são bastante difundidos entre eles.

4.2 Grupo focal

4.2.1 Registro das entrevistas professores do 5º ano

As duas professoras disseram usar computadores diariamente em sua vida pessoal e também para fins pedagógicos, sendo que para este último, relataram usar para fins de pesquisa, digitação de trabalhos e provas para os alunos. As duas fizeram cursinho de informática e participaram de cursos desenvolvidos pelo NTE, porém, comentam que não se sentem a vontade de levar os alunos a um L.I. Ter o auxílio de um monitor ou professor que possa dar suporte técnico e de programas, seria muito importante, pois o conhecimento que tem do Linux é muito reduzido, e diferente do sistema operacional que utilizam em seus computadores.

Ambas possuem computador portátil e declararam que a única forma de usar esta ferramenta na escola é quando elas o trazem.

Quando perguntadas como pensam que o computador e o Laboratório de Informática interferiam em sua prática pedagógica, uma inicia dizendo que ter outro espaço, diferente da sala, mas com infraestrutura condizente seria um sonho. A outra professora complementa, falando que é necessário o interesse e o incentivo por parte do sistema (referindo-se ao Governo Estadual e a equipe diretiva da escola). A professora continua sua fala, reforçando o quanto é necessário transformar o L.I naquilo que deveria ser, um local de continuação

dos projetos iniciados em sala de aula, um local de pesquisa (neste momento a conversa gira em torno do estado em que está Laboratório de Informática, de não estar funcionando, de ter computadores que não acessam a internet, de não ter lugar para todos os alunos, de não haver recursos humanos suficientes para auxiliar numa possível divisão da turma, da iminência do espaço em que está o laboratório, possa ser emprestado a um grupo externo a escola).

Quando o assunto foi a inclusão de outros recursos como o telefone celular e a câmera digital como ferramenta pedagógica, ambas disseram que jamais haviam pensado desta forma e começaram a pensar em possibilidades para o uso delas em sala de aula. A proibição do celular na escola suscitou algumas questões, como ver a possibilidade de autorização da Direção da escola, aproveitar a reunião com os pais para entregar os boletins e divulgar esta intenção.

Algumas ideias surgiram deste momento, como criação de propagandas, tele jornais, entrevistas com uso tanto do celular, quanto da câmera.

A última questão proposta foi sobre como elas percebem o conhecimento midiático delas em relação aos seus alunos segundo o questionário respondido por eles: uma delas diz que se sente desatualizada, se é que um dia esteve atualizada, e que não estranha seus alunos ter tão pouco contato com o que há de recente deste mundo tecnológico e rápido, pelo fato de saber que seus alunos têm uma situação financeira complexa.

Observa-se na forma como a professora comenta e ela mesmo diz o quanto se sente embevecida ao notar o quanto eles são ágeis ao telefone, como conseguem entender os aplicativos, e resume: eu só uso o celular para fazer e receber ligações, embora saiba que há nele muita coisa, mas nem faço questão de saber.

Já a outra professora, retrata que percebe seus alunos muito mais “antenados” (palavras dela), com o que está acontecendo, tem vários alunos amigos no *Facebook*, que se utilizam de palavras e gírias “internéticas” e que ela própria não se sente tão deslocada diante destes recursos porque tem dois filhos adolescentes que a deixam mais atualizadas.

A conversa em razão da pesquisa termina, porém continua com frivolidades até ser dado o sinal para que retornassem à sala de aula após o intervalo.

4.2.2 Análise dos dados do grupo focal dos professores do 5º ano

Observa-se que as professoras deste grupo utilizam o computador e tem certa desenvoltura com alguns programas simples, porém quando envolve levar seus alunos ao laboratório, não se sentem a vontade, mesmo tendo participado de diversas formações sobre esta temática. E entre as razões apontadas estão o sistema operacional diferente do que tem familiaridade e falta de um monitor que possam auxiliá-las no laboratório.

Perceberam as possibilidades em utilizar mídias alternativas como recursos pedagógicos. Sugestão até então nunca imaginada, como a utilização do celular como ferramenta pedagógica. Porém também se notou como ambas tinham disposição e interesse em variar seus recursos em sala de aula, como mostra o trecho a seguir, (ideia de uso de celular e câmera fotográfica), retirado da transcrição da entrevista: “... *criação de propagandas tele jornais, entrevistas com uso tanto do celular, quanto da câmera*”.

Quanto a como elas percebem a desenvoltura tecnológica delas em relação a seus alunos, uma das respostas foi: “... *sinto-me desatualizada, se é que um dia estive atualizada, e que não estranha seus alunos ter tão pouco contato com o que há de recente deste mundo tecnológico e rápido, pelo fato de saber que seus alunos têm uma situação financeira complexa, também se sente embevecida ao notar o quanto eles são ágeis ao telefone, como conseguem entender os aplicativos, e resume: eu só uso o celular para fazer e receber ligações, embora saiba que há nele muita coisa, mas nem faço questão de saber.*”

Esta fala, reforça a estranheza e a angústia que a professora sente ao se deparar com a habilidade dos nativos em relação às suas limitações tecnológicas. Tanto Alves (2001), Fernandes (2003) quanto Zibetti (2004), já mencionados neste trabalho, colocam o quanto a inserção do novo desestabiliza, incita rearranjos, amedronta, gerando até mesmo desprazer. Tais

sentimentos são justificáveis ao pensarmos em um docente que necessita reaprender a ensinar se utilizando das tecnologias em sua prática pedagógica.

A outra professora diz se sentir mais próxima do que acontece com os adolescentes, pois tem dois filhos com quase a mesma idade de seus alunos e comenta: "...meus alunos muito mais "anteados", com que está acontecendo, tenho vários alunos amigos no *Facebook*, que se utilizam de palavras e gírias "internéticas"

Talvez por seus alunos serem maiores, observa-se uma proximidade do que os alunos anseiam e o que estas professoras estão tentando realizar. É possível notar que há a vontade de fazer algo diferente, porém observa-se também o sentimento de frustração em não conseguir fazer, como nas palavras de uma delas que considera "*um sonho poder levar seus alunos ao laboratório*".

4.2.3 Análise dados do grupo focal dos professores do 1º ao 4º ano

Nota-se neste grupo que a maioria tem sentimentos diversos, quando o assunto é Laboratório de Informática. Há uma reclamação quanto à impossibilidade de uso do laboratório pelos entraves que há, porém as alternativas propostas pela Equipe Diretiva em relação a dividir a turma e serem atendidas em sua metade na biblioteca e a outra metade no laboratório não foram bem vistas, pois a grande aclamação é ter um monitor para dar suporte a esta atividade. Talvez o que gere este desejo seja o sentimento de incapacidade de associar seu trabalho de sala de aula ao uso computador tendo como Sistema Operacional Linux, diferente do que elas têm em casa e "dominam".

Outra fala interessante é de uma professora do 1º ano que comenta: "... *acho um tanto desnecessário levar meus alunos num Laboratório de Informática, tendo em vista que eles ainda não estão alfabetizados, só para jogar mesmo*"

Infelizmente esta percepção, impede alunos a ter uma ótima oportunidade de alfabetização digital, possibilitando aos mesmos uma maneira

diferenciada de se apropriar de códigos tão amplamente difundidos pelos livros, folhas mimeografadas e cartazes expostos.

Nota-se que além do computador, as outras mídias como celular e câmera fotográfica também não despertam o interesse em ser usados, tanto pelo fato do celular ser proibido, como por receio da câmera ser danificada.

A acomodação aparente pode servir de desculpa para o que pode ser um receio em deixar de ter o poder do controle da situação nas mãos, o medo pelo desconhecido de ensinar algo que ele mesmo, o professor ainda não aprendeu, um medo de que a figura do professor possa a ser substituídos com o advento das tecnologias. Mas quanto a isso Cysneiros, comenta:

De nossa parte, acreditamos que tal profissional dificilmente desaparecerá. Sem uma renovação profissional, fruto da formação continuada, da melhoria das condições de trabalho e remuneração, o professor tende a assimilar as novas tecnologias à sua prática tradicional sem mudanças significativas, um fenômeno que temos chamado de inovação conservadora (CYSNEIROS,1998, p. 5).

É bem provável que o professor não desaparecerá, porém faz-se necessário que o professor dar a este professor formação para que este adquira as competências necessárias para ensinar com as novas tecnologias.

Segundo Cysneiros (1998), Perrenoud (2000) postula dez domínios de competências prioritárias para a formação de professores de nível fundamental e médio. Cada um dos dez domínios é desdobrado em quatro ou cinco competências de segundo nível, perfazendo 44 no total.

I - Quatro domínios referem-se especificamente ao ensino, aos problemas perenes de qualquer didática:

1. Organizar e dirigir situações de aprendizagem
2. Administrar a progressão das aprendizagens
3. Conceber e fazer evoluir dispositivos de diferenciação
4. Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho

II - Três domínios focalizam a atividade do professor na escola como instituição:

5. Trabalhar em equipe
6. Participar da administração da escola
7. Informar e envolver os pais

III - Dois domínios são relativos ao próprio educador:

8. Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão
9. Administrar sua própria formação contínua

IV - Um último domínio abrange as categorias anteriores.

10. Utilizar Novas Tecnologias da Informação e Comunicação

Cabe ressaltar que só é possível realizar estas competências na coletividade, a escola e todos seus segmentos devem estar imbuídos para trabalharem em equipe, embora a identidade de cada segmento possa e deva ser preservado. Cyneiros(1998) pontua que o referencial é uma ferramenta de consulta, tanto para o profissional de educação como para o pesquisador.

Desta forma, observa-se que antes de exigir do professor que mude sua prática pedagógica e insira as tecnologias, faz-se necessário que toda a escola reflita sobre suas ações, e as atitudes possam ser tomadas e executadas de forma coletiva.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo objetivou refletir em cibernativos na escola pensando em uma nova prática pedagógica. Não há como negar que os novos alunos têm uma intimidade com as mídias que os professores ainda não têm, e que os alunos conseguem se comunicar com extrema agilidade e desenvoltura inclusive com pessoas de outras culturas e idiomas.

Esta facilidade e intimidade nata, infelizmente, por vezes não são melhores desenvolvidas, por falta de acesso em casa ou até mesmo na escola. Pensando que com a iniciativa do PROINFO Integrado, todas as escolas não só teriam o espaço reservado ao Laboratório de Informática, como conduziriam nele um trabalho de inserção e renovação pedagógica para a nova geração de alunos, nos deparamos, com o caso da escola pesquisada; há apenas o espaço e computadores, sem a efetiva utilização do mesmo. E dentre as causas apontadas através dos questionários realizados não só com os professores, mas com alunos da não utilização deste laboratório, estão a falta de melhoria no que diz respeito ao conforto, à manutenção dos computadores, sistematização da utilização do espaço e de um professor específico para atuar no Laboratório de Informática.

Os resultados da pesquisa apontam dados preocupantes, quando se constata o percentual alto de alunos que não possuem computadores em casa, sendo a escola a única oportunidade para que a inserção destes alunos possam ocorrer de forma apropriada e responsável.

Também foi possível notar que embora o acesso a computadores seja restrito para grande maioria de alunos, foi constatado que muitos deles têm acesso a outros recursos midiáticos, como os telefones celulares, que com seus inúmeros aplicativos, apresentam possibilidades pedagógicas

interessantes, transformando-o em recurso pedagógico o que hoje é objeto proibido.

Em relação aos sentimentos, os professores têm reações diversas diante da pré-disposição e da facilidade com que seus alunos interagem com as mídias. Receiam colocar em seu planejamento ferramentas diferenciadas, porque o celular é proibido, medo de um equipamento seja danificado, pela falta de infraestrutura para usar o Laboratório de Informática, e acabam por privar seus alunos da possibilidade de ter maior entrosamento e de forma qualificada com estes equipamentos. Cabe refletir que estes sentimentos não se configuram tão somente na escola loco da pesquisa; em seu artigo "*Dilemas do Professor Frente ao Avanço da Informática na Escola*", o professor Lucídio Bianchetti⁸, faz algumas colocações sobre esta situação:

E, neste aspecto, para os adultos da geração pré-cibernética, parece haver dúvidas sobre o que é mais difícil: apreender a lógica do computador ou suportar as "gozações" e a impaciência dos adolescentes que não conseguem entender como é que somos tão lentos ou incapazes de lidar com a parafernália microeletrônica que adentra nossos lares. Os adultos percebem a irreversibilidade desse processo. Alguns simplesmente reafirmam suas juras de fidelidade eterna à sua maquininha de escrever. (BIANCHETTI, 1997)

Da mesma forma, é possível observar os professores, com informações distorcidas quanto a alguns conceitos bem pontuais, como o sistema operacional dos computadores como empecilho ao uso dos mesmos ou que é necessário à alfabetização dos alunos antes de levá-los ao Laboratório de Informática. Para estas situações fica claro que formações continuadas dariam aos professores informações e noções que os fariam mudar estas considerações e os fariam usar com qualidade o espaço destinado ao Laboratório de Informática.

O estudo apontou a complexidade entre a relação tecnológica e os sujeitos envolvidos, demonstrando os sentimentos positivos e de dúvidas em relação ao uso das tecnologias, expondo as dificuldades de infraestrutura e de organização para o uso efetivo do Laboratório de Informática.

⁸ Lucídio Bianchetti é professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, mestre em Educação pela Pontífice Universidade Católica do Rio de Janeiro. Para ler seu artigo na íntegra acesse: <http://www.senac.br/BTS/232/boltec232a.htm>

Em relação à pesquisa, contamos com a problemática de tempo, para que aplicássemos de tal forma que não interferisse na rotina escolar. .

Temos a certeza de que a escola deve proporcionar possibilidades para que seu professorado possa transformar sentimentos e concepções que impedem de incrementar sua prática pedagógica tornando-a, ainda mais interessante.

Ao final desse trabalho, e em termos educacionais, cremos que trouxemos mais informações para refletirmos não só sobre possibilidade de como agir com a nova geração de alunos bem como a responsabilidade da escola frente à inserção de todo seu alunado aos recursos midiáticos disponíveis na escola, porém a finalização deste trabalho não encerra o desejo de continuar a investigar sobre os cibernativos e a aprendizagem.

6 REFERÊNCIAS

ALVES, Evandro. **Escrita Digital e Educação de Jovens e Adultos: produzindo sentidos num encontro inusitado.** Porto Alegre: UFRGS/FACED/PPGEDU. 2001. Dissertação de Mestrado. Documento disponível em: <<http://lab.lelic.ufrgs.br/portal/images/stories/dissertacao%20evandro.pdf>> Acesso em 10.11.2012

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Imagens de escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano* IN: **Educação e Sociedade**. Campinas: UNICAMP, vol. 25, n. 86, p. 17-36, abril 2004. Documento Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n86/v25n86a03.pdf>> Acesso em 05.12.2012

ALMEIDA F, J.; FONSECA, F.M.F.J. **Projetos e ambientes inovadores.** Série de Estudos Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação a Distância, 2000. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002699.pdf>> Acesso em: 17/05/2012.

BARBOSA, Leila Cristina Aoyama; PIRES, Dario Xavier. *O uso da fotografia como recurso didático para a Educação Ambiental: uma experiência em busca da educação Problematicadora.* IN: *Experiências em Ensino de Ciências*. . Cuiabá: UFMT. V6(1), pp. 69-84, 2011. Documento disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID133/v6_n1_a2011.pdf>. Acesso em 18.nov. 2012

BARROS, A e DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** São Paulo: Atlas, 2006. p. 180 – 192.

BIANCHETTI, L. Dilemas do Professor Frente ao Avanço da Informática na Escola. In. Boletim Técnico do SENAC, Vol 23, No. 2 - Mai/Ago 1997. Disponível em <<http://www.senac.br/BTS/232/boltec232a.htm>>, acessado em 03/11/2012.

CYSNEIROS, Paulo G. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? In: ENCONTRO NACIONAL DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO ENDIPE, 9. **Anais**. Águas de Lindóia, 1998. v.1. p 199-216.

DENZIN, Norman K. ; LINCOLN, Yvonna S. (orgs). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, Califórnia: Sage Publications. 2000. 2a Ed.

FERNANDES, Natal Lânia Roque. Professores e informática na educação: saberes e sentimentos numa experiência de aprender a ensinar com o computador. IN: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29. CAXAMBU: ANPED. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2668--Int.pdf>> , acessado em 03/11/2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1981. 1ª ed.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1997. 1ª ed.

FREIRE, Paulo; SCHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 11ª ed.

LEMONS, Cristina Rodrigues. DIAS, Cristiani de Oliveira. **Linux Educacional: desafio para o professor**. In: **RENOTE** – Revista de Novas Tecnologias na Educação. V. 9 Nº 1, julho, 2011. Porto Alegre: CINTED/UFRGS. Documento disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/6474/3862>>. Acessado em 18.out.2012

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência** – O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2004

LOBATO,E.; GOIS, A. **Professor sem preparo trava uso de computador em escola**. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 abr.2009. Documento disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/foha/educacao/ult305u554357.shtml>> Acesso em 20.out.2012

MARTELLI, Josyane Milléo. O uso da imagem na pesquisa educacional. IN: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES NA EDUCAÇÃO, 26. **Anais**. Caxambu: ANPED. 2003. Documento acessível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/26/trabalhos/josyannemilleomartelli.pdf>> Acesso em 19.10.2012

MONTEIRO, Castellano Fernandes. Celular na sala de aula como alternativa pedagógica no cotidiano das escolas. IN: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES NA EDUCAÇÃO, 29. **Anais**. Caxambu: ANPED. 2006. Documento disponível em

<<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT16-2668--Int.pdf>>
Acesso em 22.out.2012

MORAN, José Manoel. Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias. In: **Informática na Educação: Teoria & Prática**. Porto Alegre, vol. 3, n.1 (set. 2000) UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pág. 137-144.

PERRENOUD, Philippe. **Construindo as competências desde a escola**. Porto Alegre. Artes Médicas Sul, 2000, p.125

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. On the Horizon, MCB University Press, v.9, n. 5, out. 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em: 05 nov. 2012.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei 12.884, de 03 de Janeiro de 2008**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul. 2008 Acesso em: <<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.884.pdf>>. 06 nov. 2012.

RODRIGUES, M.R.; PINHEIRO, R.C. **O uso do celular como recurso pedagógico, nas aulas de língua portuguesa**. In: **Philologus**, (2012). Ano 18, N° 52. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2012. Revista do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Documento acessível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/52/09.pdf>>. Acesso em 22.out.2012.

VEEN, Wim & VRAKING, Ben. **Homo zappiens: educando na era digital**. (Tradução Vinicius Figueira). Porto Alegre: Artmed, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman. (2Ed.).

SILVA FILHO, A M da. **Os três pilares da inclusão digital**. Disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/024/24amsf.htm>, acessado em 12/10/2012.

VALENTE, J.A. (1985). Prefácio da edição brasileira. In: PAPERT, S. **Logo: computadores e educação**. São Paulo: Brasiliens

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. A angústia no ofício de professor. In: **Psicologia Escolar e Educacional**. Maringá: ABRAPEE/UEM. 2004, vol.8, n.2, pp. 219-225. Documento disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v8n2/v8n2a10.pdf>>. Acesso em 02.12.2012

ANEXO

Modelo de termos de consentimento – professores e alunos
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação
Lato Sensu

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Nara Souza de Oliveira, aluno(a) regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Evandro Alves, realizará a investigação **TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR: SALVAÇÃO OU MARTÍRIO?**, junto a um grupo de alunos e professores na Escola Estadual de Ensino Fundamental Irmã Cléssia durante os meses de agosto à outubro de 2012. O objetivo principal é refletir sobre as relações entre a nova geração de alunos, professores e os recursos midiáticos na escola.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados (as) a responder um questionário, constituído de () perguntas

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do (a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 3042-3408 ou por e-mail - nara.souza.oliveira@gmail.com

Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____
 _____, inscrito sob o no. de R.G. _____,

Concordo em participar esta pesquisa.

 Assinatura do(a) participante

 Assinatura do(a) pesquisador(a)

Porto Alegre, ____ de _____ de 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE I - Questionário para os professores**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
2ª edição**

Questionário com autorização proposto aos professores da escola:

1) Quais os usos que você faz do computador no seu dia-a-dia, particularmente?

2) E na escola, quais os usos que faz do computador?

3) Você teve alguma preparação nesta área (cursos, seminários, dia-a-dia/ referir a instituição dos cursos)?

4) Como você pensa que o computador interferirá em tua prática pedagógica?

5- Que contribuições o uso do L.I traria para as aprendizagens dos alunos?

6) Você já pensou em utilizar o celular como ferramenta pedagógica? Comente sua resposta.

7) Você conhece alguns aplicativos dos telefones celulares que poderiam ser útil em sua prática em sala de aula? Se a resposta for positiva cite-os?

8) Você já usou a câmera fotográfica para outras finalidades além de registrar imagens, em seu fazer pedagógico? Se a resposta for positiva descreva esta experiência, se for negativa, qual a razão?

9) Em relação ao conhecimento ou não que teus alunos têm sobre os recursos midiáticos, qual o sua conclusão em comparação ao **seus** conhecimentos frente aos mesmos recursos?

10) Ao pensar em uso das tecnologias da informação e comunicação em sala de aula: Escreva sobre o que as tuas expectativas sobre este uso e as possíveis angústias que pode lhe causar:

Expectativas: _____

Angústias _____

11) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:

- Tablet: () já ouvi falar e sei o que significa

() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa

() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa

() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Memes: () já ouvi falar e sei o que significa

() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

Muito obrigado por sua participação!

APÊNDICE II - Questionário para os alunos**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
2ª edição**

Questionário, com autorização, proposto aos alunos da escola:

- 1) Quantos anos tem? _____

- 2) Você usa ou já usou o computador fora da escola? Se a resposta for sim, escreva, onde usou e o que fez (por exemplo: editou textos, editou imagens, se acessou a internet, se acessou redes sociais, se fez pesquisa _____ e _____ etc)

- 3) Há quanto tempo estudas nesta escola? _____

- 4) Há _____ Laboratório _____ de _____ Informática _____ nesta Escola? _____

- 5) Você já usou o computador aqui na Escola? _____

- 6) Como você pensa que deveria ser o Laboratório de Informática na Escola?

- 7) Você tem telefone celular? Se a resposta for sim, descreva como ele é e os recursos que mais usas nele (por exemplo, ouvir música e etc.)

- 8) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:

- Tablet: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Memes: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

APÊNDICE IV – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO - ALUNOS DO 5º

ANO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
 2ª edição

Questionário com autorização proposto aos alunos da escola:

- 1) Quantos anos tem? 11
- 2) Você usa ou já usou o computador fora da escola? Se a resposta for sim, escreva, onde usou e o que fez (por exemplo: editou textos, editou imagens, se acessou a internet, se acessou redes sociais, se fez pesquisa e etc)
nunca usei, se uma vez aqui na escola
- 3) Há quanto tempo estudas nesta escola? 2 anos
- 4) Há Laboratório de Informática nesta Escola? sim
- 5) Você já usou o computador aqui na Escola? uma vez
- 6) Como você pensa que deveria ser o Laboratório de Informática na Escola?
que funcione sempre

- 7) Você tem telefone celular? Se a resposta for sim, descreva como ele é e os recursos que mais usas nele (por exemplo, ouvir música e etc.)
não

- 8) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:
- Tablet: () já ouvi falar e sei o que significa
 () já ouvi falar mas não sei o que significa nunca ouvi falar
 - Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa
 () já ouvi falar mas não sei o que significa nunca ouvi falar
 - Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa
 () já ouvi falar mas não sei o que significa nunca ouvi falar
 - Memes: () já ouvi falar e sei o que significa
 () já ouvi falar mas não sei o que significa nunca ouvi falar

Muito obrigado por sua participação!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
2ª edição

Questionário com autorização proposto aos alunos da escola:

- 1) Quantos anos tem? 10
- 2) Você usa ou já usou o computador fora da escola? Se a resposta for sim, escreva, onde usou e o que fez (por exemplo: editou textos, editou imagens, se acessou a internet, se acessou redes sociais, se fez pesquisa e etc)

Sim, já usei na casa da minha dinda para fazer trabalhos e pesquisa da escola e mesmo no fac.

- 3) Há quanto tempo estuda nesta escola? 4 anos
- 4) Há Laboratório de Informática nesta Escola? Sim
- 5) Você já usou o computador aqui na Escola? Sim, uma vez.
- 6) Como você pensa que deveria ser o Laboratório de Informática na Escola?

Deveria ter um computador para cada um que todos funcionassem, tirar as cadeiras de madeira e que tivesse internet

- 7) Você tem telefone celular? Se a resposta for sim, descreva como ele é e os recursos que mais usas nele (por exemplo, ouvir música e etc.)

Tem um telefone, ele tem muita coisa, uso mais quando preciso internet então no fac, também baixo vídeos e músicas

- 8) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:

• Tablet: (x) já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

• Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa
(x) já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

• Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa
(x) já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

• Memes: (x) já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

Muito obrigado por sua participação!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
2ª edição

Questionário com autorização proposto aos alunos da escola:

- 1) Quantos anos tem? 11
- 2) Você usa ou já usou o computador fora da escola? Se a resposta for sim, escreva, onde usou e o que fez (por exemplo: editou textos, editou imagens, se acessou a internet, se acessou redes sociais, se fez pesquisa e etc)
Não.

3) Há quanto tempo estudas nesta escola? 05 anos.

4) Há Laboratório de Informática nesta Escola? Sim.

5) Você já usou o computador aqui na Escola? Não.

6) Como você pensa que deveria ser o Laboratório de Informática na Escola?

Deveria funcionar os computadores para poder usar, mas assim desse jeito está muito bom. Terando os computadores que não funcionam.

7) Você tem telefone celular? Se a resposta for sim, descreva como ele é e os recursos que mais usas nele (por exemplo, ouvir música e etc.)

Sim, meu celular tem música etc, e ele é vermelho.

8) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:

- Tablet: () já ouvi falar e sei o que significa
- (x) já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

- Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa
- () já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

- Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa
- () já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

- Memes: () já ouvi falar e sei o que significa
- () já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

Muito obrigado por sua participação!

APÊNDICE V – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO – PROFESSORES
DO 5º ANO:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
2ª edição

Questionário com autorização proposto aos professores da escola:

1) Quais os usos que você faz do computador no seu dia-a-dia, particularmente?

EU UTILIZO PARA PREPARAR AULAS, PROVAS, PESQUI-
SAS, EMAIL, CONSULTAR BANCO, SITES DE JORNAIS...

2) E na escola, quais os usos que faz do computador?

NENHUM, APENAS QUANDO TRAGO O MEU PARTICULAR.

3) Você teve alguma preparação nesta área (cursos, seminários, dia-a-dia/ referir a instituição dos cursos)?

FIZ UM CURSO BÁSICO DE INFORMÁTICA (Q.I.).

4) Como você pensa que o computador interferirá em tua prática pedagógica?

AUXILIANDO EM PESQUISAS, JOGOS DIDÁTICOS, FACILITAN-
DO NAS AULAS, PROPORCIONANDO NOVIDADES

5- Que contribuições o uso do L.I traria para as aprendizagens dos alunos?

MOstrar uma realidade diferente, PARA BUSCAREM MAIS.

6) Você já pensou em utilizar o celular como ferramenta pedagógica? Comente sua resposta.

NÃO. AGORA ME FEZ PENSAR EM UTILIZAR, POIS A MAIORIA POSSUI, PODE-SE ->

7) Você conhece alguns aplicativos dos telefones celulares que poderiam ser útil em sua prática em sala de aula? Se a resposta for positiva cite-os?

NÃO, MAS VOU PESQUISAR, POIS LENDO AS QUESTÕES FINAIS, PERCEBI QUE
ESTOU DESATUALIZADA!!! (Nº 11)

8) Você já usou a câmera fotográfica para outras finalidades além de registrar imagens, em seu fazer pedagógico? Se a resposta for positiva descreva esta experiência, se for negativa, qual a razão?

NÃO.

9) Em relação ao conhecimento ou não que teus alunos têm sobre os recursos midiáticos, qual o sua conclusão em comparação ao **seus** conhecimentos frente aos mesmos recursos?

PERCEBO QUE MUITOS ALUNOS GOSTARIAM DE ESTUDAR, BUSCAR
MAIS, PORÉM FALTA ACESSO, E NA ESCOLA O LABORATÓRIO NÃO
FUNCIONA. ACREDITO QUE NOSSAS NOÇÕES DE INTERNET SÃO PARE-
CIDAS, ALGUNS FALAM O QUE FAZEM EM CASA E PERCEBO QUE ENTENDO
O QUE CONTAM.

10) Ao pensar em uso das tecnologias da informação e comunicação em sala de aula: Escreva sobre o que as tuas expectativas sobre este uso e as possíveis angústias que pode lhe causar:

Expectativas: TRAZER CURIOSIDADES, NOVIDADES, AJUDÁ-LOS A CONHECER ESTE NOVO MUNDO TECNOLÓGICO...

Angústias NÃO CONSEGUIR ATENDER OS 30 ALUNOS, POIS NÃO TEMOS MONITOR, TAMBÉM NÃO HAVERÁ UM COMPUTADOR POR ALUNO...

11) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:

- Tablet: (x) já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

-
- Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa
(x) já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

-
- Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

-
- Memes: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

Muito obrigado por sua participação!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Curso de Especialização Mídias na Educação - Ciclo Avançado
2ª edição

Questionário com autorização proposto aos professores da escola:

1) Quais os usos que você faz do computador no seu dia-a-dia, particularmente?

Uso o computador para pesquisas, redes sociais, editor de textos...

2) E na escola, quais os usos que faz do computador?

Não uso na escola, pois não está disponível

3) Você teve alguma preparação nesta área (cursos, seminários, dia-a-dia/ referir a instituição dos cursos)?

Curso NTE / Antigo 2º grau em Processamento de Dados.

4) Como você pensa que o computador interferirá em tua prática pedagógica?

5- Que contribuições o uso do L.I traria para as aprendizagens dos alunos?

Várias, principalmente despertar o interesse dos alunos em aulas que são necessárias, porém " maçantes"

6) Você já pensou em utilizar o celular como ferramenta pedagógica? Comente sua resposta.

Não penso que o celular seria complicado pois a maioria dos alunos tem e poderiam querer usá-lo sempre.

7) Você conhece alguns aplicativos dos telefones celulares que poderiam ser útil em sua prática em sala de aula? Se a resposta for positiva cite-os?

Não.

8) Você já usou a câmera fotográfica para outras finalidades além de registrar imagens, em seu fazer pedagógico? Se a resposta for positiva descreva esta experiência, se for negativa, qual a razão?

São somente para registrar imagens e depois expor aos alunos.

9) Em relação ao conhecimento ou não que teus alunos têm sobre os recursos midiáticos, qual o sua conclusão em comparação ao **seus** conhecimentos frente aos mesmos recursos?

Com certeza o conhecimento deles é bem maior que o meu.

10) Ao pensar em uso das tecnologias da informação e comunicação em sala de aula: Escreva sobre o que as tuas expectativas sobre este uso e as possíveis angústias que pode lhe causar:

Expectativas: TRAZER CURIOSIDADES, NOVIDADES, AJUDÁ-LOS A CONHECER ESTE NOVO MUNDO TECNOLÓGICO...

Angústias NÃO CONSEGUIR ATENDER OS 30 ALUNOS, POIS NÃO TEMOS MONITOR, TAMBÉM NÃO HAVERÁ UM COMPUTADOR POR ALUNO...

11) Marque com (x) as expressões abaixo que você já ouviu e assinale ao lado se sabe o que significam ou não:

- Tablet: (x) já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

-
- Fotolog: () já ouvi falar e sei o que significa
(x) já ouvi falar mas não sei o que significa () nunca ouvi falar

-
- Tumblr: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

-
- Memes: () já ouvi falar e sei o que significa
() já ouvi falar mas não sei o que significa (x) nunca ouvi falar

Muito obrigado por sua participação!

APÊNDICE VI - Dados do grupo focal dos professores do 1º ano ao 4º:

Assim como o primeiro grupo de professoras, também este teve como referências as perguntas do questionário e seguindo, Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação, de BARROS A e DUARTE, J. O encontro com seis professoras do 1º ao 4º ano, foi mais acalorada: embora a esmagadora maioria use o computador para fins pessoais, apenas uma delas usa o computador para fins pedagógico, chegando a solicitar algumas máquinas em sua sala de aula, já que estavam ociosas na biblioteca.

Uma das professoras comentou “... fazer o que a colega faz, e trazer seu notebook para sala, não faço, o Estado tem que providenciar os recursos para os alunos. Tudo é pela metade, olha só o Laboratório de Informática?! “

Aí o tema tornou-se emocionante quando veio a tona um assunto nevrálgico na escola: O Laboratório de Informática.: As professoras reclamaram que o espaço não é suficiente para o número de alunos. E fazer o que a proposta do início do ano letivo, em que as turmas se dividiriam, ficando metade na biblioteca com a supervisora enquanto a outra metade era assistida pela professora, fazendo a troca de alunos a cada semana foi tido como absurdo.

Outro complicador do uso, citado por 5 professoras, das 6 que ali estavam, foi o Sistema Operacional Linux, diferente do que elas tem em casa e “dominam”.

Na tentativa de instigá-las ainda mais, foi perguntado como pensam que deveria ser o Laboratório de Informática?

Uma delas, disse que gostaria de ter alguém como um monitor, para ajudar a ligar e desligar as máquinas e intervisse se houvesse algum problema de ordem técnica, mas que o planejamento e a execução junto aos alunos teriam que ser de sua responsabilidade.

Uma professora do 1º ano comenta: “...acho um tanto desnecessário levar meus alunos num Laboratório de Informática, tendo em vista que eles ainda não estão alfabetizados, só para jogar mesmo”

Uma intervém: “Mas, (fulana). há jogos justamente para isso, além de outras atividades.”

Poucos segundos de silêncio.

Logo em seguida maioria começou a falar quase ao mesmo tempo pontuando e reafirmando a necessidade de ter um espaço que comportasse a turma toda, além de ter um professor que a assumisse no Laboratório de Informática, sem a interferência delas, professoras. Uma professora do 4º ano diz: "...claro que fornecer um tema que fosse afim com que estivessem trabalhando em sala de aula até poderia ser dado."

Já que usar o Laboratório de Informática neste momento vocês demonstram que é complexo pelos motivos elencados e o uso de outros recursos como a câmara e o telefone celular, já que se observa que a maioria dos alunos possui?

Outro instante silencioso, e saltam comentários colaterais:

"...mas celular é proibido, e fazer o quê com ele, nem sei o que tem direito no meu."

"Tiro fotos de todos os trabalhos que faço com eles."

Uma professora do 4º ano diz:

"A professora do meu filho faz mini documentários com câmeras digitais, com os textos que os alunos produzem, os alunos mesmos encenam, e editam."

Silêncio na sala:

Professora do 1º ano:

"Ah, com alunos maiores até dá, pra fazer estas coisas."

Continua os comentários difusos:

" Interessante o trabalho que a...falou, do documentário."

"A escola só tem uma câmara."

" E se eles estragam a máquina."

"Imagina usar celular! Já foi uma função fazer eles sossegarem."

A conversa foi seguindo, assim como o tempo que passou sem ser percebido, dando o sinal para retornarem, dando tempo apenas para agradecer a contribuição.